

Peça de Teatro – Abaixo a Palmatória
Autor: Mattos Moreira

Belém – 1903

(Publicada na “Revista de Ensino nº 49 de 30 de abril de 1903)

Comédia Infantil em 01 Ato

Personagens:

D. Engrácia.....Diretora do colégio, velha rabugenta e curta da vista.

Clotilde.....Menina de 09 anos, um bocadinho travosa e não muito amiga dos livros.

Júlio.....Menino de 12 anos, esperto, aplicado, o melhor aluno de seu colégio.

Cenário:

Um gabinete modesto. Porta ao fundo e laterais. À esquerda e à direita janelas que dão para o jardim. À direita uma mesa com livros.

Cena I

Clotilde e Engrácia.

Ao subir o pano a cena está deserta. Ouve-se fora o estrondo de um móvel que caiu e o tilintar de louça partida. Em seguida gargalhadas de crianças, choro de Clotilde e repreensões de D. Engrácia. Pouco depois entram pela porta do fundo D. Engrácia trazendo Clotilde segura por um braço.

D. Engrácia – Agora há de ficar aqui fechada; sua estouvada d 'uma figa!

Clotilde – (*choramingando*) O minha senhora, não foi por querer!

D. Engrácia – Cale a boca, sua atrevida! Parece que tem o demônio no corpo! Hei de benze-la com alecrim!

Clotilde – A Perpétua que me empurrou...

D. Engrácia – Cale a boca, já disse! É a vergonha do meu colégio! Sempre aos saltos, sempre às cabriolas, que nem uma cabrinha do monte. E a respeito de estudar, isso então é uma miséria.

Clotilde – Eu ontem soube a lição.

D. Engrácia – Pois amanhã também há de sabe-la, essa lhe juro na ponta da língua. Aí tem livros em cima da mesa. Estude. Logo cá virei a saber o que tem feito.

Clotilde – (*chorosa*) Eu estudo, minha senhora, mas não me deixe aqui sozinha!

D. Engrácia – (*retirando-se*) Quem faz diabruras sujeita-se ao castigo.

Clotilde – (*seguindo-a e implorando*) Senhora D. Engrácia!...

D. Engrácia – Muito juizinho! (*sai fechando a porta à chave*)

Cena II

Clotilde só.

Clotilde – Senhora D. Engrácia, senhora D. Engrácia, eu não torno mais! Abre-me a porta! (*chora num grande berreiro; mas vendo que não é atendida, para de repente, e diz noutra tom, fazendo figas para a porta*) Figas, figas, velha tonta e rabugenta! (*mudando de tom*) E então, não me deixou aqui trancada! E logo hoje, à quinta-feira quando as outras meninas andam a brincar! No fim das contas, eu não tive culpa. Estávamos todas na sala grande jogando a cabra-cega. A cabrinha era eu. As outras davam-me palmadas nas costas, puxavam-me pelo nariz, atormentavam-me com piparotes. Eu andava já desesperada por não poder agarrar nenhuma. Nisto como estávamos fazendo muita bulha, apareceu a senhora D. Engrácia para nos repreender. Sentindo passos perto de mim, estendi os braços, e agarrei uma coisa. Era ela, a D. Engrácia (*fazendo como se fosse a velha*) “Largue-me, atrevida!” (*natural*) “Não te largo, hás de ficar”. A velhota queria desprender-se de mim, mas eu segurava-a com força. Larga, não largo, larga... zaz! Tropeçamos na mesa, esta cai ao chão e com ela as jarras, as flores, os bonecos... E também a mestra! Tirei então o lenço dos olhos, e imaginem como eu fiquei! As outras meninas riam como perdidas, a senhora D. Engrácia ralhava, e eu chorava... Um dia de juízo!

Ora digam lá os senhores se eu tive a culpa? Com o lenço nos olhos, como eu havia de ver a mestra! Sim... Eu bem a vi, porque tinha um bocadinho levantado, e bem lhe conheci a voz... Mas isso é que ela não sabia! Quem a mandou vir meter-se no meio das crianças? (*ouve-se fora vozes de crianças cantando*). Ora isto! Lá andam as outras a cantar e a brincar e eu aqui presa! (*gritando*) Senhora D. Engrácia! Abra-me a porta! Eu não torno mais! Minha rica senhora D. Engrácia! Abra-me a porta! Tenha dó da sua Clotidelzinha! Prometo nunca mais ser cabra... cega! (*pausa*) Nada, não faz caso! Ah! Sim? Pois espera, vou deitar a casa abaixo (*começara a derrubar as cadeiras, cantando*) Uma! Duas! Três! Quatro...

Cena III

Clotilde e D. Engrácia.

D. Engrácia – Então que desaforo é este? A menina endoideceu?...

Clotilde – Não quero estar presa.

D. Engrácia – Não quer? Pois a menina tem querer?... Há de continuar aqui fechada, e muito quietinha, se não amarro-a com uma corda.

Clotilde – (*chorando*) In! In! In!

D. Engrácia – Então já sabe a lição?

Clotilde – (*idem*) In! In! In!

D. Engrácia – Vamos, responda, menina: já sabe a lição?

Clotilde – (*chorando com mais força*) Ih! Ih! Ih!

D. Engrácia – Ah! É isso? Pois espere aí! (*sai pelo fundo*)

Cena IV

Clotilde só.

Clotilde – *(chora enquanto D. Engrácia desaparece, depois mudando de tom, diz)* – Que irá fazer o demônio da velha? Sempre lhe tenho uma raiva! E a caçoada que me espera das outras meninas! Mas também preparem-se para apanhar uns bem bons beliscões! Olá! E se eu me safasse? A D. Engrácia deixou a porta aberta... Ora! *(corre para a porta do fundo, mas ao mesmo tempo entra D. Engrácia, com a qual vai esbarrar)*

Cena V

Clotilde e D. Engrácia.

D. Engrácia – Jesus! Esta menina está espiritada! Cruzes!

Clotilde – *(chorando)* Ih! Ih! Ih!

D. Engrácia – *(mostrando umas orelhas de burros de papel)* Venha cá!

Clotilde – *(refeita)* Para quê?

D. Engrácia – Venha cá, já lhe disse.

Clotilde – Eu não preciso de toucado.

D. Engrácia – Não me seja atrevida! Olhe que eu chamo o Alonso para a prender com uma corda!

Clotilde – *(chorando)* Ih! Ih! Ih!

D. Engrácia – Chegue-se cá *(Clotilde aproxima-se com medo e cabeça levantada)* A menina não quer ter emenda... *(põe-lhe na cabeça as orelhas de burro. Clotilde continua impossível)* Gosta do toucado? Que lhe parece? Ah! Não diz nada? Quer que lhe vá buscar um espelho para se ver?

Clotilde – *(por entre os dentes)* Estou me vendo.

D. Engrácia – Que diz?

Clotilde – Nada.

D. Engrácia – Cuidei! Agora aqui tem o livro. *(dá-lhe um dos livros que estava sobre a mesa)* Estude. *(leva-a pela mão para de frente da janela)* Aqui, que é para a verem bem os meninos do colégio ali de frente. Hei de amansá-la! Quando souber a lição virei libertá-la. Chame por mim. *(sai pelo fundo)*

Clotilde – *(ao vê sair D. Engrácia, levanta-se da cadeira e de pé junto à janela atira o livro ao chão)* Um dia ainda morde essa velha!

D. Engrácia – Olhe lá, Clotilde.

Clotilde – *(deita a correr para a cadeira ao pé da janela e não tendo tempo de apanhar o livro abre as mãos e finge que lê)* Quem foi o primeiro rei de Portugal? Dom Afonso III! De quem era filho? De Dom Afonso II.

D. Engrácia – *(entrando)* Quero preveni-la de que vou dizer a Alonso que tenha a corda pronta. *(sai e fecha a porta à chave)*

Clotilde – *(sem se voltar)* Quem foram os homens mais notáveis do reinado de D. Manuel? *(reparando que D. Engrácia saiu)* Eu sei cá!

Cena VI

Clotilde e depois Júlio.

Clotilde – (*sentada à janela*) Ora a minha vida! Se me tiro daqui o demônio da velha é capaz de chamar o bruto do galego. O pior é que daqui a pouco vêm brincar para o jardim os rapazes do colégio ali de frente. Se me vem com orelhas de burro, fazem-me uma caçoada enorme...

Júlio – (*no jardim*) Ó Clotilde!

Clotilde – (*assentada*) Jesus!

Júlio – Esse chapéu é da última moda?

Clotilde – Ah! És tu, Júlio!

Júlio – Tira isso da cabeça.

Clotilde – E o Alonso?

Júlio – Quem é o Alonso?

Clotilde – É o galego.

Júlio – Mas quem é o galego?

Clotilde – É o Alonso.

Júlio – Estás tola.

Clotilde – Estou mais é presa.

Júlio – Presa?

Clotilde – Sim; o demônio da mestra meteu-me aqui e fechou a porta à chave.

Júlio – Espera aí, que eu vou fazer-te companhia.

Clotilde – Tem cuidado mano! Olha se quebra o ramo da árvore!

Júlio – (*saltando pela janela*) Para alguma coisa há de servir a ginástica.

Clotilde – Como estou alegre por te ver ao pé de mim!

Júlio – Também eu manasinha; mas tira lá esse enfeite que me faz mal aos nervos. (*arrancando-lhe as orelhas de burro*)

Clotilde – E se vier a mestra?

Júlio – Se vier, enfio-lhe na cabeça que lhe deve ficar muito bem.

Clotilde – (*rindo*) Isso é que tinha graça!

Júlio – Mas por que estás de castigo?

Clotilde – Ora! Porque fiz cair a velhota dando- lhe um encontrão sem querer. Demais amais, eu também caí.

Júlio – Ah! Caíram ambas? Então deviam estar ambas presas. A lei é igual para todos como diz o papá.

Clotilde – Que saudades que eu tenho dele, e da mamã; são tão nossos amigos!

Júlio – Tomara já cá as férias! Então é que há de ser uma pândega!

Clotilde – Também te aborreces do teu colégio?

Júlio – Não há porque me aborrecer; mas é que sabe, é bom passar uns dias na companhia dos nossos pais. Lá no colégio não há orelhas de burro; há bons conselhos dos professores, muita paciência para nos explicarem o que não sabemos; há prêmios para os que mais estudam, distinções há quem as merece.

Clotilde – E palmatória?

Júlio – Palmatória! Isso só se encontra hoje no museu do Carmo.

Clotilde – E também cá no colégio.

Júlio – Esta casa cheira a simonte! Palmatória, orelhas de burro... Mas como demônio hão de vocês aprender alguma coisa?!

Clotilde – Olha, Júlio, parece- me que tens razão: quanto mais me atormentam, menos vontade tenho de aprender. Estudo sempre as lições a medo; decoro- as como um papagaio, sem perceber uma palavra. Ao menor erro: “dê cá a mão, menina” e zaz! (*dá uma palmada na mão*) ou: “ponha- se de joelhos!” A minha vontade...

Júlio – Tenho dó de ti, Clotilde. No meu colégio consegue- se tudo pelo estímulo. O bater é só para os cães. Olha eu agora sou o capitão da minha classe. Mas isso não se alcança pelos nossos belos olhos: é necessário estudar muito, ter sempre boas notas durante o mês, e no fim entrar num certame com os alunos melhor classificados. Do Mesquita é que eu tenho medo, que é um belo estudante; mas venci- o! Ficou danado, o pobre rapaz, por passar a tenente. Diz que me há de vencer para o mês que vem. Veremos!...

Clotilde – Coragem, capitão!

Júlio – Coragem, sim! Olha que ser capitão é alguma coisa. Tem muitas honras e regalias. Á mesa pertence- lhe o lugar principal; quando algum rapaz comete alguma falha leve basta- lhe interceder para ser perdoado, e por isso, todos o estimam; os professores tratam- no com diferença, em suma, não há distinção que lhe não façam.

Clotilde – Ai! Quem me dera ser capitoa! Mas isso aqui é outra coisa: pancada e mais pancada. E é justamente o que me espera hoje.

Júlio – Por quê?

Clotilde – Porque a mestra disse- me que eu não sairia daqui enquanto não soubesse as lições; ora eu não estudei ainda nenhuma linha, e quem pode estudar com orelhas de burro? De modo que se ela aparece, e de certo não tarda aí, e vê que nada sei, apanho a minha conta.

Júlio – Não apanhas!

Clotilde – (*sorrindo*) Por que, capitão?

Júlio – Porque me está lembrando fazer uma partida à figurona da tua mestra.

Clotilde – O que é?

Júlio – Nós somos muito parecidos, o que não admira; demais a mais a velhota é alguma coisa pitosca...

Clotilde – E então?

Júlio – Então, tu emprestas-me o teu fato, e dou as lições em teu lugar. Olha que não sou capitão por favor.

Clotilde – (*rindo*) Ah! Ah! Ah! Isso é que tinha muita graça! E desse modo livro-me de estar aqui presa, e posso ir brincar com as minhas companheiras.

Júlio – Pois então, salta o vestido.

Clotilde – (*receosa*) Mas se a D. Engrácia dá com o marosca?

Júlio – Qual dá! Vamos, mãos à obra! Despe lá o vestido.

Clotilde – Não, este não.

Júlio – Então como há de ser?

Clotilde – Vou te buscar outro ali no meu quarto.

Júlio – Como quiseres (*Clotilde sai pela porta da direita*). Esta cena não há de ser má. Eu então que nunca tive jeito para rapariga!

Clotilde – (*voltando*) Aqui tens (*dá-lhe um vestido*).

Júlio – (*enfiando uma das mangas*) Como demônio se veste esta coisa?

Clotilde – Espera rapaz. Despe ao menos a jaleca.

Júlio – Vá lá.

Clotilde – (*ajudando-o a vestir o vestido*) Se os teus colegas te vissem...

Júlio – Que troçam me faziam!

Clotilde – O senhor capitão vestido de mulher!

Júlio – Não me diga isso outra vez! Olha que já não quero...

Clotilde – Pronto! Está mesmo uma menina.

Júlio – (*dando-se ares de menina*) Ó senhora D. Engrácia, já acabei o meu crochê. Ó menina Maria, empresta-me uma agulha, que eu partir a minha!

Clotilde – Ai que demônio de rapaz!

Júlio – Agora chama D. Engrácia, e esconde-te.

Clotilde – Ainda te falta uma coisa.

Júlio – O quê?

Clotilde – As orelhas do burro.

Júlio – Isso é que eu acho forte demais!

Clotilde – Tem paciência Júlio. (*põe- lhe as orelhas de burro*)

Júlio – Este capacete não pertence ao uniforme de capitão, mas enfim... Chama lá a velha.

Clotilde – (*gritando*) Senhora D. Engrácia, faz favor de vir cá! Já sei as lições (*a Júlio*). Toma lá este livro.

Júlio – Que ratice! Um burro a ler!

Clotilde – (*gritando*) Senhora D. Engrácia!

Júlio – Sinto passos. Esconde- te. (*Clotilde esconde- se atrás do pano da mesa*)

Cena VII

Os mesmos e D. Engrácia.

D. Engrácia – (*entrando*) Está muito apressada! Então já sabe as lições? Vamos a ver isso. A menina não me engana!

Júlio – (*tentando imitar a voz de Clotilde*) Pois eu havia de enganá- la, minha senhora!

Clotilde - (*à parte, escondida*) Que espertalhão!

D. Engrácia – Sim, sim. Vamos dê cá o livro.

Júlio – (*dando- lhe o livro*) Aqui está, minha senhora. Eu sou muito amigo da história...

D. Engrácia – Amigo?

Júlio – (*à parte*) Ó demônio! Já me esquecia que era rapariga! (alto) Eu disse amiga; a senhora D. Engrácia percebeu mal.

D. Engrácia – Hum!

Clotilde - (*à parte*) O Júlio não leva a comédia ao fim!

D. Engrácia – (*lendo o livro*) “Quem foi o décimo primeiro rei de Portugal?”

Júlio – Dom Manuel, cognominado o Venturoso, porque o seu reinado foi extremamente feliz.

D. Engrácia – Não é isso.

Júlio – Não é isto?

D. Engrácia – O livro diz: muito feliz.

Júlio – Então não é a mesma coisa?

D. Engrácia – Se a menina estudasse com atenção, dizia as palavras do livro.

Júlio – Expressando a ideia, que importam as palavras?

D. Engrácia – Ai! Ai! Ai! Está muito doutora!

Clotilde - (*à parte*) O Júlio deita tudo a perder!

D. Engrácia – Vamos adiante: “que descobrimentos houve neste reinado?”

Júlio – (*com desembaraço*) Além de outras, o do caminho marítimo para As Índias, descoberto pelo grande Vasco da Gama, em 1498; o descobrimento do Brasil, em 1500, por Pedro Álvares Cabral; o de Madagascar, por Tristão Cunha; o da Ilha de Santa Helena, por João da Nova; o da Terra Nova e outras ilhas, pelos célebres Corte-reais.

D. Engrácia – Muito bem, muito bem.

Clotilde – (*à parte, sempre oculta do outro lado da mesa*) Nunca eu dei uma lição como hoje!

Júlio – Deve se ainda dizer que, por culpa del rei, perdemos uma outra glória. Fernão de Magalhães, um português ilustre, ofereceu-se para descobrir outro caminho para a Índia, mas como Dom Manuel não fez caso dele, foi apresentar-se a Carlos I de Espanha, o qual lhe confiou uma esquadra bem aprovisionada. O nosso patrício descobriu então no sul da América um estreito que permitia a navegação à volta ao mundo. Ainda hoje conserva o nome de estreito de Magalhães.

D. Engrácia – (*que tem se mostrado espantada*) Mas no compêndio não está nada disso! Onde foi que amenina aprendeu tantas explicações?

Júlio – (*à parte*) Com a breca! Falei demais! (*alto*) Foi mesmo a senhora D. Engrácia que me explicou...

D. Engrácia – Eu? Eu sabia lá se Fernão de Magalhães... (*emendando-se para não mostrar ignorância*) Sim sim, é verdade, não me lembrava que lhe tinha explicado...

Clotilde – (*não podendo conter-se, solta uma gargalhada*) Ah! Ah! Ah!

D. Engrácia – (*embespinhada*) Do que si ri a menina?

Júlio – De nada, minha senhora... Isto é nervoso (*à parte*) Aquele demônio da Clotilde!

D. Engrácia – (*à parte, levantando-se*) Estou estranhando a rapariguinha. (*alto*) Bom; agora venha comigo para acabar o bordado.

Júlio – (*à parte*) O bordado! Com a fortuna! Para isso é que me não serve ser capitão.

D. Engrácia – Então, menina não ouviu?

Júlio – Hoje é quinta-feira...

D. Engrácia – No sábado começam as férias, e quero que leve o bordado à sua mamã. Sempre mandriona! (*num tom mais alto*) Vamos.

Júlio – (*rápido tomando o lugar de Clotilde e impelindo-a; à parte*) Agora tu!

Clotilde – (*já de pé*) Vamos lá a essa massada!

D. Engrácia – Massada, menina! E até parece que mudou de voz! (*baixando o tom*) E não quer que lhe chame mandriona... (*reparando em Clotilde*) Mas então como é isto? A menina estava vestida de verde e agora aparece-me de encarnado! Cruzes, canhoto! (*benze-se*) Aqui anda coisa má!

Clotilde – (*com modo misterioso*) É que eu possuo um talismã!

D. Engrácia – Um talismã! Que está a menina a dizer?...

Clotilde – Foi uma feiticeira que o deu a meu avô na Índia. Não crê em feiticeiras, senhora D. Engrácia?

D. Engrácia – Eu perco o juízo! Nada, isto não pode ser. A menina está zombando de mim; mas deixe-me ir buscar a palmatória, que é para lhe quebrar o feitiço! (*dirige-se para a porta do fundo*)

Júlio – (*saindo rapidamente de trás da mesa, e fazendo sinal a Clotilde para ir para o lugar dele, o que ela executa*) Senhora D. Engrácia! (*com voz cavernosa*) Senhora D. Engrácia! Não vá buscar a palmatória!

D. Engrácia – (*voltando-se*) Atrevida! (*reparando*) Jesus me valha! Outra vez o vestido verde! Isto é bruxaria! (*aflita*) Não me sinto boa... Falta-me a vista... (*senta-se desfalecida numa cadeira*)

Júlio – O caso agora é mais sério! (*abana D. Engrácia com um lenço*)

Clotilde – (*acudindo*) Coitadinha! Perdeu os sentidos. Tu foste o culpado, Júlio.

Júlio – Cala a boca e abana ali do outro lado.

Clotilde – (*abanando também D. Engrácia*) Ai, meu Deus! Se ela morre...

Júlio – Qual morre! Abana com mais força! Pode constipar-se, mas não faz mal!

D. Engrácia – (*espirrando*) Atchim!

Júlio – Bem dizia eu!

D. Engrácia – (*abrindo os olhos*) Ai! Já passou (*reparando em Júlio e em Clotilde ajoelhados*) Duas!

Clotilde – Perdão!

Júlio – Não desmaie outra vez minha senhora, que eu explico tudo.

Clotilde – Mas primeiro há de perdoar-nos.

D. Engrácia – (*cobrando ânimo*) Não perdoo nada! (*reparando mais em Júlio*) Ora esperem! Esta menina não é cá do colégio!

Júlio – (*levantando-se*) Menino, se faz favor, e às ordens de Vossa Excelência!

Clotilde – (*levantando-se à parte*) Agora é que estoura a bomba!

D. Engrácia – Um rapaz! Ai que desaforo! Vou chamar a polícia!

Clotilde – É o meu mano Júlio, senhora D. Engrácia.

D. Engrácia – Seu mano?

Júlio – Sim, minha senhora. Como estamos no carnaval, lembrei-me de fazer esta brincadeira, que não ofende ninguém...

D. Engrácia – Brincadeiras em minha casa, menino!

Júlio – No carnaval, minha senhora.

Clotilde – (*fazendo-lhe festas*) Então, senhora D. Engrácia, perdoe-nos. Não queira mostrar-se má, sendo boa.

D. Engrácia – (*um tanto enternecida*) Por que não há de a menina ser sempre assim tão meiga?

Júlio – O porquê sei o eu.

D. Engrácia – Sabe?

Júlio – É por causa da palmatória.

D. Engrácia – Hein?

Júlio – Não é com vinagre que se apanham moscas. Se no meu colégio me dessem castigos a cada momento, eu perdia o gosto ao estudo e chegava a não fazer caso das repreensões.

D. Engrácia – O menino é muito doutor (*à parte*) Teria ele razão?

Júlio – Ora experimente, minha senhora; ponha de parte a palmatória, modere os castigos, faça uso de prêmios e distinções, e verá como o estímulo consegue mais que os rigores.

Clotilde – (*com meiguice*) Nós desejávamos ser muito amiguinhas da senhora D. Engrácia, mas mete- nos tanto medo... Quando nos lembramos das nossas mães, que estão longe, sentimos muitas saudades, e bem desejávamos que a senhora D. Engrácia, que é aqui a mãe de nós todas, nos animasse, mas temos receio de nos aproximar...

D. Engrácia – (*comovida*) Dá cá um beijo, minha filha, e nunca mais tenhas medo de mim.

Clotilde – (*saltando- lhe ao pescoço*) Verá como hei de ser sua amiga e como saberei as lições!

Júlio – (*à D. Engrácia, com intenção*) Então... Abaixo a palmatória?

D. Engrácia – Os rapazes deste tempo! (*sorrindo*) Abaixo a palmatória.

Clotilde e Júlio – Viva a senhora D. Engrácia! E... Abaixo a palmatória!

Cai o pano

Fim